

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

RAIANE DE SOUSA LUZ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE UMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA E
TRANSFORMADORA:
Um estudo nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental do município de Santo
Antônio de Lisboa, Piauí**

**PICOS - PI
2014**

RAIANE DE SOUSA LUZ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE UMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA E
TRANSFORMADORA:
Um estudo nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental do município de Santo
Antônio de Lisboa, Piauí**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: PROFA. DRA. TAMARIS GIMENEZ PINHEIRO

Eu, **Raiane de Sousa Luz**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 12 de agosto de 2014.

Raiane de Sousa Luz

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L979a Luz, Raiane de Sousa.
Avaliação da aprendizagem sobre uma perspectiva emancipatória e transformadora: um estudo nas unidades escolares de ensino fundamental do município de Santo Antônio de Lisboa, Piauí / Raiane de Sousa Luz. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (29 p.)

Monografia(Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro

1. Educação. 2. Ensino de Ciências. 3. Métodos Avaliativos. I. Título.

CDD 507.07

RAIANE DE SOUSA LUZ

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE UMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA E TRANSFORMADORA:
Um estudo nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental do município de Santo Antônio de Lisboa, Piauí

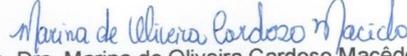
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas.
Orientadora: PROFA. DRA. TAMARIS GIMENEZ PINHEIRO

Aprovado em 31 de julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora: Profa. Dra. Tamaris Gimenez Pinheiro


Primeiro Examinador: Profa. Dra. Maria Carolina de Abreu


Segunda Examinadora: Profa. Dra. Marina de Oliveira Cardoso Macêdo

Suplente: Prof. Msc. Victor de Jesus Silva Meireles

Dedico este trabalho ao meu maior tesouro, minha
razão para continuar, meu filho Ian Lucas.

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós
ignoramos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre.*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado uma vida tão especial, sempre regada de muita felicidade perseverança, saúde, esperança, sonhos, bons momentos, pessoas inesquecíveis, sabedoria, entre outras maravilhas que só Ele pode oferecer.

A minha orientadora professora Tamaris, pela dedicação, compreensão e paciência durante a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, Aldeci e Cristina, que não mediram seus esforços para que eu pudesse permanecer perseverante nesta jornada. Às minhas irmãs, Viviane e Lílian, pelo carinho e apoio na concretização desse ideal. Ao meu esposo e companheiro Aldemar (amor), que compreendeu minha ausência e me ajudou nos momentos difíceis desta caminhada.

A todos os meus amigos e familiares que acreditaram em mim, em especial a minha vó, Ana, Tio João Neto e tia Solange por estar sempre do meu lado.

Aos colegas da nossa turma de Licenciatura Plena em Biologia, por terem compartilhado às angústias, alegrias, e desafios no decorrer deste curso, em especial Jaciane, Joseane e Maillane pela amizade incondicional.

A todos os professores da UFPI que contribuíram para o meu aprendizado durante a minha formação e por me ajudarem a ser uma pessoa mais íntegra, ética, crítica e humana.

Aos professores e coordenadores das escolas onde realizei a pesquisa, que contribuíram respondendo à entrevista. Sem vocês a pesquisa não poderia ser realizada.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta realização, em especial, agradeço a minha cunhada Aldenir pelo apoio incondicional nas horas mais difíceis, pelo seu comprometimento e sabedoria, o meu muito obrigada!

RESUMO

As concepções a respeito de avaliação são as mais diversas possíveis, porém em todas se reconhece que seus objetivos giram em torno da melhoria da qualidade do ensino. Portanto, este trabalho discute a avaliação da aprendizagem como instrumento para um ensino de qualidade. Com isso, tem-se como objeto de estudo a avaliação da aprendizagem de Ciências de Ensino Fundamental na cidade de Santo Antônio de Lisboa, Piauí. Para coleta de dados, realizou-se uma entrevista estruturada com professores de Ciências e coordenadores de quatro escolas do Ensino Fundamental a referida cidade, considerando os seguintes eixos: concepções de avaliação; os métodos avaliativos utilizados; instrumentos de avaliação; e dificuldades encontradas para a realização da avaliação. A partir da análise dos dados, foi possível constatar que na realidade pesquisada existe uma incessante busca por melhorias na qualidade do ensino através de uma mudança na sistemática de avaliação, e que a avaliação deve ter como finalidade a orientação da aprendizagem e a autonomia dos aprendizes em relação à mesma. Através de dados coletados observou-se que há uma cultura internalizada que faz os entrevistados examinar ao invés de avaliar. Os resultados mostraram também, que os pesquisados reconhecem que a avaliação tradicionalista classificatória não está funcionando frente as transformações contemporâneas. Diante disso, este trabalho vem a contribuir para uma avaliação mais significativa da aprendizagem, e conseqüentemente, para melhoria na qualidade do ensino.

Palavras-chave: educação; ensino de ciências; métodos avaliativos.

ABSTRACT

The concepts of evaluation are very diverse, but in all of them, they are recognized as a way to improve the education quality. Therefore, this paper discusses the evaluation of learning as a tool for education quality. Thus, it has been the object of study evaluating the learning Sciences in Elementary School at Santo Antonio de Lisboa, Piauí. For data collection, there was a structured interview with Science teachers and coordinators from four schools in this city. The interview considered the following themes: conceptions of evaluation; evaluation methods; evaluation tools; and difficulties in to conduce the evaluation process. It was observed that there is an incessant search for improvements in the education quality through a change in the evaluation system and that this process should be the purpose of learning orientation and the autonomy of students. Through data collected was observed there is a internalized culture that is the interviewed consider to rather than to evaluate. The results also showed that respondents recognize that the classificatory traditionalist review missed the function against contemporary transformations. Thus, this work is contributing to a learning evaluation more meaningful, and thus, to improving the teaching quality.

Keywords: education; evaluation methods; Science education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO.....	13
2.1. Objetivo geral.....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	13
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	17
4.1 Coleta dos dados.....	17
4.2 Análise dos dados.....	17
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5.1 Análise feita com os coordenadores pedagógicos	18
5.2 Análise feita com os professores	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICE 1	26
APÊNDICE 2	27
APÊNDICE 3	28

1 INTRODUÇÃO

Todas as atividades desenvolvidas pelos homens são objeto de avaliação, seja planejada ou não, mas sempre sujeitas ao julgamento, à comparação, apenas para tirar uma conclusão ou para tomar uma decisão com base em critérios sistematizados. Até mesmo na execução das ações mais simples do cotidiano a avaliação aparece de forma quase que espontânea ou naturalizada, como forma para articular o percurso do caminho para garantir que seja concluído conforme nosso desejo (PERRENOUD, 1999).

Nessa mesma linha Luckesi (2002) afirma:

A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. (...) A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível.

A avaliação da aprendizagem no contexto escolar, para Chueiri (2008), constitui-se em prática premeditada e organizada e se efetiva por meio de objetivos pedagógicos, representados de valores, códigos e convenções sociais. Ainda segundo esse mesmo autor, o processo de avaliar ultrapassa todo o processo pedagógico a começar com a coleta das informações fundamentais para o conhecimento da realidade, no decorrer da realização do trabalho, até a sua finalização. Portanto, não pode ser realizada em momentos estanques.

[...] avaliação só faz sentido se favorecer a aprendizagem. Todavia, não se realiza aprendizagem qualitativa, sem avaliar. Quando se combate o tom classificatório, [...] pretende-se, no fundo, superar abusos da avaliação, no que estamos todos de acordo, mas não se poderia retirar daí que avaliação, de si, não é fenômeno classificatório. Será mister distinguir acuradamente entre abusos da classificação, de teor repressivo, humilhante e punitivo, e efeitos classificatórios implicados em qualquer processo avaliativo, também quando dito qualitativo (LUCKESI, 2002).

A avaliação da aprendizagem torna-se um processo em incessante desafio, isto porque, segundo Hoffmann (2005) ela não só fornece subsídios para o professor avaliar seu trabalho para um melhor aperfeiçoamento para a sua prática de ensino, como também proporciona condições ao educando verificar seus conhecimentos e buscar soluções para melhor ampliá-los. Hoffmann (2005) afirma ainda que a avaliação, nessa perspectiva, deverá encaminhar-se a um processo dialógico e cooperativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos no ato próprio da avaliação.

A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma visão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos e descobrir sua importância no decorrer do percurso educativo escolar (VASCONSELLOS,1994).

Haja vista, que essa seja uma das ferramentas principais do processo de construção do conhecimento, no entanto, a prática avaliativa é uma dificuldade enfrentada por todos os professores e sempre surgem dúvidas na hora de avaliar: avaliar o quê e para quê? Meus alunos estão aprendendo? Que vestígios provam que a aprendizagem está sendo construída? O presente estudo partiu da necessidade de responder tais questionamentos aprimorando conhecimentos na área.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a avaliação da aprendizagem como instrumento para um ensino de qualidade.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar como estão sendo realizados os processos de avaliação da aprendizagem na disciplina de Ciências no Ensino Fundamental na cidade de Santo Antônio de Lisboa – PI.
- Identificar as dificuldades encontradas pelos professores de Ciências de Ensino Fundamental na cidade de Santo Antônio de Lisboa –PI, na hora de avaliar seus alunos.
- Abordar o tema avaliação da aprendizagem sob uma visão de emancipação e transformação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Luckesi (1995), é comum no dia a dia atribuímos como conceito de avaliação à condição em que se encontram os envolvidos no processo de aprendizagem como: julgamento, nota, aprovar ou reprovar, isto é, um conceito tradicional, que considera as provas instrumentos privilegiados para dar informações a respeito dos alunos, às vezes até como os únicos elementos possíveis para se verificar o rendimento escolar. Embora ultrapassada enquanto conceito, esta concepção, de acordo com o mesmo autor, ainda é frequente no dia-a-dia escolar.

Ainda na visão desse autor, a maior parte dos profissionais da educação não está avaliando, mas simplesmente examinando. Para ele, o ato de avaliar é diferente de examinar, pois o exame seria uma análise pontual, sem continuidade, que mostra o aqui e agora. No entanto, a avaliação por si só, não tem a finalidade de excluir, pelo contrário, o professor toma-a como um diagnóstico que colabora para a aprendizagem do saber.

Nesse contexto, para Luckesi (1995) a avaliação da aprendizagem se apresenta em duas concepções diferentes: emissão de um juízo de valor em função de distintos critérios e a obtenção de informações úteis para tomar alguma decisão.

No entanto, na contemporaneidade o desafio é uma concepção centrada na ideia da necessidade de converter a avaliação numa peça-chave do ensino e da aprendizagem, nessa linha de pensamento Luckesi (1995), afirma:

Seria ingênuo pensar que a avaliação é apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Avaliar pode se constituir num exercício autoritário do poder de julgar ou, ao contrário, pode se

constituir num processo e num projeto em que avaliador e avaliado buscam e sofrem uma mudança qualitativa.

Becker (1993, p.145) compartilha essa ideia e revela: “[...] quanto mais o educando for objeto dos conhecimentos nele depositados, menos condições terá de emergir como sujeito de consciência crítica, condição esta de sua inserção transformadora no mundo”.

O processo avaliativo não começa e nem termina em uma prova, ela é apenas mais um, dos vários instrumentos que o educador pode lançar mão, para verificar se houve ou não aprendizagem significativa de determinados conteúdos (LUCKESI, 1995).

Ao ser adotado como um instrumento de diagnóstico, a avaliação possibilita ações posteriores no sentido de intervir para alterar o quadro de diagnóstico numa probabilidade de formação. O ponto de vista de avaliação defendida por Luckesi (1995) é uma ação complexa e envolve diferentes atores como o professor, o aluno, e o sistema. Conforme este autor, a avaliação não é uma atividade isolada, é parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

Nesta mesma linha de pensamento Hoffmann (2005) afirma que a avaliação é inerente à educação por isso que não podemos separá-las. Defende uma avaliação como construção do conhecimento, e cita o diálogo como uma postura necessária entre o professor e o aluno para que a avaliação aconteça de acordo com os princípios construtivistas da teoria de Jean Piaget, e em consistência com a pedagogia libertadora discutida por Paulo Freire. A autora ainda destaca que a auto avaliação (o questionar-se) é o ponto de partida para uma avaliação construtivista

Both (2007) refere-se ao ato de avaliar como acompanhamento incondicional ao aluno:

[...] avaliar não é apenas medir, mas, sobretudo, sustentar o desenvolvimento positivo dos alunos. Quer dizer, não se avalia para estigmatizar, castigar, discriminar, mas pra garantir o direito à oportunidade. As dificuldades devem ser transformadas em desafios, os percalços em retomadas e revisões, as insuficiências em alerta. (BOTH, 2007. P.158)

De acordo Antunes (2006.p 176) em uma avaliação significativa os resultados devem retornar sala de aula para orientar o professor na continuidade de seu trabalho.

Para Libâneo (1994) o entendimento da avaliação passa pela consideração mútua entre aspectos quantitativos e qualitativos. Segundo esse autor o ato de avaliar é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e a definição de notas. A avaliação proporciona a produção de informações a respeito do processo de ensino-

aprendizagem, a qual professores e alunos estão envolvidos, que precisam ser submetidas a uma apreciação qualitativa (LIBÂNEO, 1994).

É nesta perspectiva que a Lei das Diretrizes e Bases (LDB) para a educação nacional nº 9394/96, tem referenciado novos modelos de avaliação da aprendizagem, já que esta possui uma visão sobre conceitos e procedimentos direcionado para uma avaliação de transformação frente ao desafio contínuo de educar e deixar-se educar.

Assim, a LDB nº 9394/96, no inciso V do artigo 24 faz referência de forma explícita ao tipo de processo de avaliação para a educação básica, nos níveis de ensino fundamental e médio: “A avaliação deve ser contínua e cumulativa, com prevalência do qualitativo sobre o quantitativo; deve ser voltada para a promoção, e não para a estagnação”.

A verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito.
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os alunos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (BRASIL, 1996, art. 24).

O texto da Lei recomenda que, nos níveis de ensino fundamental e médio, além de contínua, a avaliação seja cumulativa. A avaliação tem a finalidade de ajudar os alunos a superar as dificuldades, auxiliar no crescimento e na realização deste aluno, e não de coagir e reprimir.

O aluno não pode ser avaliado num momento isolado do resto do processo, e que a avaliação não é o ponto alto do bimestre. A avaliação deve estar voltada para a promoção, e não para a estagnação: é o momento para possibilitar ao aluno demonstrar o que sabe, para permitir-lhe avançar (BRASIL, 1996).

Assim, deve considerar o conhecimento prévio do aluno, não somente o que se aprende na escola. Certamente é nesse sentido que no artigo 36, inciso II, da LDB nº 9394/96, recomenda que se adotem metodologias de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes.

O artigo 32 desta mesma lei, no seu parágrafo 2º não deixa dúvida quanto à necessidade de se desvincular a avaliação formativa e quantitativa da aprovação dos estudantes, no momento em que sugere aos estabelecimentos escolares que adotem o

regime de progressão continuada (extinguindo, portanto, a reprovação), sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 1996).

Ao tratar da educação infantil, o artigo 31 é claro quanto à realização de uma avaliação que se faça mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, e enfatiza: “sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL, 1996).

Na LDB (1996), o objetivo da escola seria o de promover a aprendizagem, e evitar a reprovação, por meio de alternativas, como: i) as múltiplas formas de organização dos grupos (séries, ciclos, outros); ii) as formas de progressão parcial e de progressão continuada; iii) os estudos de recuperação para alunos de baixo rendimento escolar (é obrigatório).

No entanto, Hoffmann (2005) adverte que nada valem metodologias fantásticas se estas não estiverem baseadas em uma concepção libertadora de avaliação, isto é, considerando o educando como sujeito de seu próprio conhecimento.

4 MATERIAL E METODOS

4.1 Coleta dos dados

A pesquisa foi realizada nas quatro escolas de Ensino Fundamental da cidade de Santo Antônio de Lisboa-PI, sendo duas da rede municipal de ensino e duas da rede estadual. Participaram da pesquisa quatro coordenadores pedagógicos (um de cada escola) e quatro professores de Ciências (um de cada escola) que compõem a referente modalidade de ensino nas escolas escolhidas. A coleta dos dados ocorreu de maio a junho de 2014.

A obtenção dos dados se fez por meio de entrevistas semiestruturadas (Apêndice 1 e 2) registradas com auxílio de aparelho de gravação de voz digital. Sendo uma entrevista semiestruturada abordou os seguintes eixos: concepções de avaliação; os métodos avaliativos utilizados; instrumentos de avaliação; e dificuldades encontradas para a realização da avaliação.

Essa metodologia foi adotada tendo em vista a possibilidade dos pesquisados terem a liberdade de emitir respostas espontâneas e livres, tornando a pesquisa mais rica em informações. As falas foram transcritas para posterior análise.

Para todos os pesquisados foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3).

4.2 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, por ser o tipo de pesquisa que mais consegue penetrar nos fenômenos sociais, em especial na área de educação, e se caracteriza, segundo Richardson (2007), como uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados.

A identidade dos pesquisados foi preservada e, para melhor apresentação de seus relatos, eles foram nomeados pelas letras do alfabeto em: coordenador A, B, C ou D e professor A, B, C ou D. Os dados obtidos foram descritos seguidos da discussão baseada nas teorias apresentadas do decorrer desse estudo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Análise feita com os coordenadores pedagógicos

Todos os pesquisados têm formação em Licenciatura Plena em Pedagogia, e possuem titulação de especialização em Gestão (coordenador **A**); Metodologia do Ensino Superior (coordenador **B**), em Libras (coordenador **C**) e em Educação Especial e Libras (coordenador **D**). Possuem entre 2 a 6 anos de experiência em coordenação nas escolas em que atuam.

Quanto a proposta avaliativa das escolas pesquisadas, os coordenadores deixam claro e de forma unânime que estas entidades propõem que avaliação da aprendizagem seja feita de forma contínua e integrante no processo de ensino aprendizagem. Isto é, exatamente como propõe a LDB/96 no seu artigo 24: “A avaliação deve ser contínua e cumulativa, com prevalência do qualitativo sobre o quantitativo; deve ser voltada para a promoção, e não para a estagnação”.

No entanto, relatam que há uma certa dificuldade de implementar de forma satisfatória esse “novo” método de avaliação, tanto por parte dos professores como dos pais, explica um coordenador que participa da pesquisa:

[...] estão habituados a avaliação ser uma prova escrita, com dia e hora marcada para acontecer (...) avaliar todo o processo é uma resistência por parte dos professores que resistem a mudarem um pouco a sua metodologia (...) e os pais sempre questiona porque acredita que a escola facilita a nota (COORDENADOR **D**).

Hoffman (2009) esclarece que a resistência dos pais é porque existe uma crença popular que as escolas não oferecem um ensino competente à semelhança das antigas. Quanto aos professores a prova além de ser mais cômodo, é a rede de segurança dos professores, procuram inovações com metodologias prontas, e assim sendo, não avaliam, examinam.

Ao serem questionados sobre a função da avaliação da aprendizagem na sua escola os coordenadores divergem em opiniões. De um lado há o que possui uma concepção de avaliação mediadora, como afirma o coordenador **B**: “A avaliação na escola tem como função identificar as dificuldades de aprendizagem em determinar se os objetivos propostos foram atingidos ou não, aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem e promover os alunos”. Por outro lado, há os que vêm a avaliação da aprendizagem de forma bem tradicional e afirmam que a função desta é de verificar o que o aluno aprendeu e atribuir notas, opinião dos demais coordenadores.

O que se percebe quanto a função da avaliação da aprendizagem nas escolas pesquisadas é que os coordenadores possuem uma expectativa quanto a realização de uma prática mais coerente, no entanto, sem refletir sobre o significado dessa

metodologia. Não chegaram a um consenso sobre o que avaliar durante o processo de ensino aprendizagem, o que entendem é que tem que se avaliar o processo e de forma contínua.

Conforme Luckesi (2011), “aprender a avaliar a aprendizagem” é uma tarefa que está posta diante de todos nós, e portanto:

[...] há que se aprender um novo modo de ser e de agir, abrindo mão de conceitos e modos de agir que estão impregnados em nossas crenças conscientes e inconscientes, em nosso senso comum, em nossos estados emocionais, que tem sua base em nossa história biográfica pessoal.

Quanto às inovações na prática avaliativa, três dos pesquisados (coordenadores **A**, **C** e **D**) disseram que não vêem mudanças relevantes que se possa considerar inovadoras. Porém, em uma das escolas em estudo o coordenador **B** diz que “o aluno é avaliado em todos os aspectos levando em consideração as habilidades de cada um, e que isto é, uma prática inovadora”.

Ao que se refere aos instrumentos avaliativos utilizados pelas escolas e como ocorre o processo de avaliação da aprendizagem dentro das escolas, as respostas foram unânimes e afirmam que o processo de avaliação de aprendizagem acontece durante o decorrer das aulas, avaliando a participação do aluno na aula, a frequência, o desempenho, e no final de cada mês existe uma prova que testa os conhecimentos adquiridos. Quanto aos instrumentos citaram: prova, teatro, produção de texto, trabalhos em grupo e individuais.

Apesar de se dizer que se avalia todo o processo, percebe-se que os instrumentos e a metodologia apresentada não levam em consideração os avanços que o aluno conseguiu ao longo desse processo, apenas soma-se as notas atribuídas a cada instrumento aplicado em sala de aula. Werneck (2008) esclarece que esta sempre foi a cultura que assimilamos desde os tempos da chegada dos colonizadores ao Brasil.

De acordo com os pesquisados, a aprendizagem dos alunos é avaliada após a correção das provas de cada mês, ou, durante alguma atividade avaliativa, como seminários e teatros. E ainda, no planejamento mensal, coordenadores e professores fazem a avaliação geral da aprendizagem dos alunos por disciplina e por turma. E quando se percebe o desempenho ruim em uma turma, é revista a metodologia aplicada e feito as mudanças que julgam necessária, como: aulas e provas de recuperação.

Ressaltam ainda, que para superar a tradição dos exames escolares, os professores recebem apoio pedagógico através de eventos educativos, reuniões, e recursos didáticos inovadores, assim acrescenta coordenador **A**: “A coordenação

sempre abre diálogos com os professores sobre possíveis inovações e promove discursões sobre a prática avaliativa mostrando teorias relevantes a prática”.

É possível perceber que as escolas pesquisadas demonstram uma incessante busca por melhorias na qualidade do ensino através de uma mudança na sistemática de avaliação. Para isso, essas escolas trilham por novos entendimentos e concepções sobre avaliação, se contradizem na prática, mas evoluem na decorrência de cada ação dentro de cada contexto escolar.

5.2 Análise feita com os professores

Os professores que participaram deste estudo possuem formação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, e apenas dois tem título de especialização, sendo, um Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (professor **A**), e um Metodologia de Ensino para o ensino de Ciências (professor **B**). Quanto a experiência profissional no Ensino Fundamental, esta variou entre 10 meses (professor **C**), 2 anos (professor **D**); 6 anos (professor **B**) 8 anos (professor **A**).

Ao serem questionados se avaliar é difícil, a resposta é curta e afirmativa: “sim”, e argumentam a questão da particularidade de cada aluno, é o que explica o professor **A**: “alunos que estudam mais, outros não se esforçam, uns tem facilidade, outros dificuldades, todos possuem uma individualidade para serem avaliados de forma igual”.

Nesse contexto, Luckesi (2011) coloca que o aluno deve ser avaliado de forma individual de acordo com seus avanços, um teste homogêneo não pode avaliar o desenvolvimento de cada aluno, se cada um é um ser diferente.

Werneck (2008) também tem essa mesma concepção:

Queremos que todos saibam do mesmo modo, aprendendo dentro dos mesmos tempos e parâmetros, tudo uniforme, como se nossa aula fosse uma fábrica do início do século XX. Provas homogêneas buscando medir conhecimentos homogêneos sem consideração dos vários contextos dos educandos.

Ao se tratar dos instrumentos avaliativos e em que momento se avalia a aprendizagem dos alunos, os professores em estudo concordam com os coordenadores, pois citam os mesmos instrumentos citados anteriormente, e dizem que avaliam seus alunos a todo momento em sala de aula, e ainda há quem diga que avalia até o comportamento do educando.

Avaliar o comportamento do aluno como aprendizagem, segundo Luckesi (2011), “não tem nada a ver com o significado dos conteúdos escolares, mais sim com o disciplinamento social dos educandos sob a égide do medo”.

E quando o aluno não aprende os conteúdos de Ciências, o que fazer professor? Os pesquisados se mostraram comprometidos em repetir os conteúdos, até mesmo em mudar o método de transmissão do saber, como por exemplo, partir para uma aula prática. “De fato, se ensinamos e os alunos não aprenderam e estamos interessados em que aprendem, há que se ensinar até que aprendam; deve se investir na construção dos resultados desejados” (LUCKESI, 2011).

Os pesquisados frisam que são livres para decidir como e que instrumentos avaliar e recuperar seus alunos, a escola proporciona esta autonomia aos professores desde que não se desvie do regimento interno e da proposta pedagógica. Falaram também sobre a devolutiva de provas corrigidas aos alunos, e enfatizam a importância de se discutir os erros com os alunos para que não venham a cometê-los novamente.

Hoffmann (2009) adverte sobre o perigo de corrigir mostrando qual seria a resposta certa porque a resposta pronta não é elaborada pelo aluno, e se torna mais sério quando o aluno não entende a resposta dada pelo professor, e perde a confiança em sua própria capacidade de entender as coisas. Segundo esse autor, é importante que possa construir uma explicação para as razões que o levou para o sucesso ou para o fracasso.

Quanto as sugestões para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem de Ciências os professores destacaram a questão dos recursos didáticos como: *datashows* e, principalmente, laboratório de ciências como explica o educador C: “a presença de materiais didáticos para que sejam realizadas aulas práticas, para que o aluno possa ver na prática o que vê apenas na teoria”. Ao que se refere ao ensino de Ciências no ensino fundamental na atualidade, consideram um pouco arcaico, e reforçam a falta de estruturas para relacionar teoria e a prática em sala de aula.

É notável que as práticas tradicionais de avaliação são repetidas pelos professores, no entanto, demonstram vontade de mudanças, ou sentem essa necessidade. Possuem a consciência de que o tradicional não está se adaptando a realidade dos alunos, em cada escola em estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido da avaliação não se baseia em simples discurso, mas é um trabalho árduo que requer muito empenho tanto do professor quanto do aluno que ao conhecer o estado em que se encontra a aprendizagem, juntos transformam e constroem um novo conhecimento. Assim, avaliar exige do professor uma preparação técnica e metodológica para que não se torne mero receptor e reproduzidor de teorias.

A LDB nº 9394/96 veio para contribuir com a democratização do ensino a partir de uma prática de avaliação que tem uma concepção de avaliação emancipadora, crítica, antiautoritária, que considera o processo e não produto.

Assim sendo, a avaliação da aprendizagem deve ser compreendida como uma possibilidade de crescimento, não apenas atribuição de notas ou conceitos para reprovar ou aprovar o educando. A avaliação tem que proporcionar mudança, avanço, transformação, aprendizagem, autonomia, e iniciativa.

Na realidade estudada, as escolas possuem essa concepção de avaliação, ou seja, vêm a avaliação como processo permanente de aprendizagem, no entanto, sentem grandes dificuldades de passar da compreensão para prática, isso porque não conseguem abrir mão do tradicionalismo, de atitudes examinadoras enraizadas em nossa história, em nossa sociedade e na personalidade de cada um de nós. Examinamos exatamente como fomos examinados e não nos indagamos se o que acometeu conosco em nossa história escolar foi adequado ou não.

O processo de avaliação da aprendizagem na disciplina de ciências nessas escolas acontece por meio de instrumentos isolados, não se considera o avanço alcançado pelo educando entre a aplicação de um instrumento e outro, exatamente, porque a preocupação maior está em atribuir uma nota, até porque não pode fugir dos regimentos internos e da proposta pedagógica da escola.

Porém, cabe ressaltar que as escolas em pesquisa procuram evoluir a todo momento, diversificam os instrumentos, modificam os métodos de ensino, e até a prática pedagógica. Isso significa dizer que há uma preocupação em modificar a realidade existente, isto é, possuem uma consciência de que o sucesso alcançado por alguns alunos (notas altas) não representa, de fato, sua formação no sentido de um indivíduo capaz de descobrir alternativas para enfrentar a sociedade competitiva atual, em outros termos, concordam que a avaliação tradicional classificatória não está dando certo.

O que se percebe é que as escolas não encontraram o caminho para a abolição da avaliação tradicional classificatória, seja por causa de uma cultura internalizada ou por questões de regimentos internos da escola ou da própria Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SEDUC).

Entretanto, procuram unir ao clássico o contemporâneo. Isso se torna evidente, quando observadas que as maiores dificuldades do professor de Ciências na hora de avaliar o aluno é simplesmente considerar a individualidade de cada educando, demonstrando assim, uma preocupação em ir além do registro de uma nota, isto é, mais adiante do tradicional.

O grande desafio a ser enfrentado por todos é a quebra de muitos paradigmas referente a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências, levando em conta as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites e as possibilidades dos sujeitos em processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, o presente estudo traz perspectivas inovadoras que visam transformações do processo ensino e aprendizagem com o entusiasmo de superar limites em sala de aula. Assim sendo, não há uma receita pronta. Considerar o conhecimento precedente do aluno, e uma avaliação contínua das práticas pedagógicas contribuem para uma avaliação mais significativa da aprendizagem, e conseqüentemente, para melhoria na qualidade do ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Leis as Diretrizes e Bases da Educação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez.1996.

CHUERIRI, S. F. Concepções sobre avaliação escolar, **Estudos em Avaliação Educacional**, v.19 n. 39, jan./abril, 2008.

BECKER, F. **Ensino e construção do conhecimento**: o processo de abstração reflexionante. Porto Alegre. Educação & Realidade, vol. 18, p. 43-52, 1993.

BOTH, I.J. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: a fisiologia do conhecimento. Curitiba: Ibpex, 2007.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005

_____. **Avaliação Mediadora**: Uma pratica em construção da pré-escola à universidade. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009

LIBANEO, J.C. **Didática**. São Paulo:Cortz,1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições, 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2010

VASCONCELLOS, C. S. **A construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Cadernos Pedagógicos do Libertad 2, 1994.

WERNERK, H. **Professor: agente da transformação.** Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008.

APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS – CSHNB CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Roteiro para entrevista com os professores

1. Qual a formação/titulação:
2. Experiência profissional:
3. Período que está trabalhando nesta escola?
4. Que instrumento você professor (a) de ciências usa para avaliar aprendizagem do aluno?
5. Você concorda com a afirmação, avaliar é difícil? Porque?
6. Em que momento você avalia a aprendizagem dos seus alunos?
7. Que tipo de apoio você professor (a) de ciências recebe para desenvolver sua prática avaliativa?
8. Que dificuldade você professor (a) de ciências enfrenta na hora de avaliar seu aluno?
9. O que você faz quando recebe que seus alunos não aprendem os conteúdos de ciências?
10. Na sua escola o professor (a) é livre para decidir instrumentos e metodologias avaliativas? Justifique?
11. Que sugestões você professor (a) daria para melhorar a qualidade do ensino aprendizagem de ciências?
12. Qual a sua opinião a respeito do ensino de ciências, no ensino de ciências, no ensino fundamental, na atualidade.
13. Após a correção das provas você a corrige com os seus alunos?

APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Roteiro para entrevista com os coordenadores pedagógicos

1. Qual a formação/titulação:
2. Experiência profissional:
3. Qual é a proposta avaliativa desta escola?
4. Que dificuldades são enfrentadas na implementação da mesma?
5. Qual a função da avaliação na sua escola?
6. Quais são os regramentos para a avaliação? O professor é livre para definir a metodologia tem autonomia?
7. Como é definida está metodologia a ser utilizada pelo professor? Existe acompanhamento?
8. Você acha que existe alguma coisa na prática avaliativa, na sua escola, que são inovadoras?
9. Como ocorre o processo da avaliação da aprendizagem do aluno nesta escola?
10. Que instrumentos são utilizados para avaliar aprendizagem do aluno?
11. Em que momento a aprendizagem dos alunos é avaliada?
12. O que acontece quando se percebe que a turma tem desempenho ruim?
13. Que condições efetivas de apoio à escola oferece aos professores que procuram superar a tradição dos exames seletivos?

APÊNDICE 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
 CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, MODALIDADE: LICENCIATURA
 Rua Cícero Eduardo s/n – Bairro Junco – CEP: 64.600-000 - Picos, Piauí
 Fone/Fax: (89) 3422-1008 / 34221024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do estudo: Avaliação da aprendizagem sobre uma perspectiva emancipatória e transformadora: um estudo nas Unidades Escolares de Ensino Fundamental do município de Santo Antônio de Lisboa, Piauí

Pesquisadoras responsáveis: Raiane de Sousa Luz; Tamaris Gimenez Pinheiro

Instituição/Departamento: UFPI / Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Telefone para contato: (89) 8102-5038

Local da coleta de dados: Escolas de Ensino Fundamental do município de Santo Antônio de Lisboa, Piauí

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Objetivo do estudo: Compreender a avaliação da aprendizagem como instrumento para um ensino de qualidade.

Procedimentos: As informações para esta pesquisa serão obtidas por meio de entrevista semiestruturada a respeito da concepção pessoal sobre avaliação; os métodos avaliativos utilizados; instrumentos de avaliação; e dificuldades encontradas para a realização da avaliação.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: A participação na entrevista não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santo Antônio de Lisboa, ____ de _____ 2014.

Assinatura do entrevistado

Pesquisadora Responsável

Se você tiver alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa- UFPI- Campus Universitário Ministro Petrônio Portela- Bairro Ininga. Centro de Convivência L09 e 10- CEP: 64.049-550- Teresina- PI. Tel.: (86) 3215-5734- email: cep.ufpi@ufpi.edu.br.